

de·cor·ar



Sumário

50 | design de produto ————— design de interiores | 20
capa: **Jóia Bergamo**

————— design de interiores | 46
Arkitito

————— exposições | 44

————— empresa | 52
LG

16 | coluna ————— coluna | 54
por **Victor Megido** por **Roberto Spina**

————— cor | 40

60 | olhar do arquiteto —————
por **Daniele Lauria**

————— recomendamos | 42

34 | artistas —————

————— 56 | arquitetura
mf + arquitetos

d
e
c
o
r
a
r



Jóia Bergamo | 20



Arkitito | 46



MF + Arquitetos | 56

Colaboradores



Victor Falasca Megido

@victor_megido

Formado em Comunicação pela Università La Sapienza, de Roma, com especialização em Marketing & Sales pela SDA Bocconi, de Milão, e pela Esade Business School, de Barcelona. Foi diretor geral da Faculdade italiana Istituto Europeo di Design – IED Brasil, e Managing Director da agência de marketing e comunicação Armosia Brasil. Apoiou e colaborou com as entidades Abedesign, Abit, Adp Abd, Abiesv, Rdi, Adesp, Abicalçados, Instituto Italiano de Cultura, entre outras. É consultor e organizador do livro “A Revolução do Design – conexões para o século XXI” (Editora Gente) e escreve sobre design sob a ótica do mercado.



Roberto Spina

@roberto.spina

É arquiteto e professor, graduado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, com estudos desenvolvidos no programa de pós-graduação da FAU-USP. É diretor Educacional e de Difusão Cultural da ADESP-Associação de Design do Estado de São Paulo.

Titular do escritório Roberto Spina Arquitetos Associados e Diretor da empresa Roberto Spina A+I.



Daniele Lauria

@studio.lauria

Após sua graduação em planejamento urbano na Faculdade de Arquitetura de Florença, Daniele participou do time liderado pelo Renzo Piano para a restauração da antiga carcer florentina “Le Murate”. Expôs na Bienal de Arquitetura de Veneza, do ano 2000, e planejou muitas intervenções de restauração, como a do convento de Santa Maria Maggiore, onde fica a sede florentina do IED. Desde 2009, Lauria atua também na América do Sul e tem escritórios em São Paulo, Florianópolis e Curitiba. Daniele Lauria foi diretor artístico do Festival da Criatividade, na Itália, e é professor de práticas de sustentabilidade em arquitetura e planejamento urbano. Entre seus projetos mais recentes estão a restauração do edifício “Pagliere Reali” para a Galeria de Uffizi em Florença, as lojas “H&M” em Lima e Cusco, um edifício residencial em Santiago do Chile e os escritórios da Motorola/Stocktotal em São Paulo.

APAIXONADO PELO BRASIL

Me apaixonei pelo Brasil há mais de dez anos e a cada dois ou três meses atravesso o oceano para abraçar os amigos e desenvolver os projetos de arquitetura com meus parceiros brasileiros. Assim é um grande prazer responder ao convite da revista Decorar e propor uma breve narrativa sobre as relações entre arquitetos brasileiros e estrangeiros e uma reflexão pessoal sobre a arquitetura brasileira vista de fora. Minha história remonta ao setembro de 1947, quando a revista francesa “L’Architecture d’Aujourd’hui” publica uma reportagem que celebra uma jovem geração de arquitetos, liderados por Lucio Costa e Oscar Niemeyer, que tenta dar uma cara internacional ao boom econômico e ao desenvolvimento urbano do País. Assim começa uma fase de grande abertura da arquitetura brasileira e a obra do João Batista Vilanova Artigas, a quem devemos o nascimento da “escola paulista” ou “brutalista”, atrai muitos jovens talentos europeus, entre os quais se destacam o alemão Franz Heep, um dos maiores intérpretes do fenômeno da verticalização de São Paulo e, sobretudo, a Lina Bo Bardi que perturbou o cenário urbano paulistano com o MASP. Depois, nas décadas da ditadura militar, a arquitetura brasileira se fechou gradualmente

para o resto do mundo e tivemos que esperar o novo milênio para os estrangeiros voltarem a trabalhar aqui. Lembro bem, ainda em 2008, das controvérsias causadas pelo convite do Governador do Estado de São Paulo para Herzog & de Meuron projetar um centro cultural na área da Luz, um dos epicentros da Cracolândia. A chegada da dupla suíça foi ferozmente oposta, não apenas pelos custos da operação e pela abordagem de projeto, não muito inclusivo do contexto, mas porque foi interpretada como o início de uma possível invasão que, na realidade, nunca foi. Assim, os arquitetos tiveram que esperar até 2014 para inaugurar sua primeira obra em solo brasileiro, a Arena do “morro” Mãe Luiza em Natal. De fato, exceto a intervenção de Diller Scofidio + Renfro para o Museu da Imagem e do Som no Rio (iniciado em 2009 mas ainda não concluído) e o esquelético Museu do Amanhã de Calatrava, as intervenções estrangeiras permanecem poucas e muitas vezes limitadas ao setor corporativo. Feliz exceção, a “Japan House” de Kengo Kuma, que, juntamente com a “máquina urbana” projetada pela dupla Andrade e Morettin para o Instituto Moreira Salles, trouxe a Avenida Paulista de volta ao cenário internacional da arquitetura contemporânea.



Av Paulista ã Japan House e grafite, feito por Eduardo Kobra, em homenagem ao Oscar Niemeyer.



FAU-USP ã Edifício Vilanova Artigas



Destalhes do MASP - Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand

Na realidade, não é fácil para arquitetos estrangeiros se sintonizar com a especificidade brasileira. Como me explicou o Milton Braga, um dos parceiros do MMBB Arquitetura, o Brasil ainda está fortemente ligado à lição do modernismo, e o “brutalismo” ainda é sua alma mais autêntica, porque deixar a estrutura exposta e despir a arquitetura de qualquer formalismo representa um “imprinting” muito forte, com profundas motivações culturais e rigorosas razões econômicas, especialmente para obras públicas. Por outro lado, a arte da decoração que caracteriza o interior das casas brasileiras nunca deixa de me surpreender e tem uma riqueza e complexidade incomparáveis no mundo. Essas duas condições degeneram e se combinam artificialmente na maioria dos edifícios urbanos, onde a arquitetura do edifício é anônima e sem qualidade, enquanto o interior é uma explosão de materiais, luzes e cores.

No entanto, entre o rigor modernista e o luxo decorativo, existe o espaço para fazer boa arquitetura, tanto pela “new wave” brasileira, e nesse sentido me parece muito interessante o trabalho do estúdio SuperLimão, quanto pelos arquitetos estrangeiros que conseguem “mergulhar” na cultura local, como fez perfeitamente Lina, ou encontrar convergências e assonâncias, como demonstrado por Kengo Kuma, que na “Japan House” surfou habilmente entre a cultura japonesa e a brasileira. O que certamente falta, ainda hoje e mais aos clientes do que aos arquitetos brasileiros, é uma sensibilidade concreta às questões ambientais (a sustentabilidade é um dever cívico) e a coragem de se abrir ao mundo e às novas tendências. Como se costuma dizer, mas pouco se pratica: sair da zona de conforto. E, também, abandonar a cultura do “padrão” que pouco tem a ver com a criatividade brasileira, com as linhas curvas do Niemeyer, com a bossa nova e com as cores da natureza deste grande País.